

RESENHA

*Gustavo Vilela Monteiro**

BOSSERMAN, Brant. **The Trinity and the vindication of Christian paradox: an interpretation and refinement of the theological apologetic of Cornelius Van Til.** Cambridge, Inglaterra: James Clarke and Co., 2015.

Esse livro é a versão publicada da dissertação de doutorado de Brant Bosserman, uma sucinta e judiciosa análise e crítica do pensamento do apolo-gista reformado Cornelius Van Til. Trata-se de uma adição muito bem-vinda para a biblioteca daqueles interessados em teologia, apologética e filosofia.

Em sua introdução, Bosserman expõe dois pontos metodológicos que de fato destacam o seu livro das demais interpretações do pensamento de Van Til. Ele inicia notando que os teólogos cristãos deveriam se esforçar para formar um pensamento que coerentemente combine três aspectos raramente encontrados em conjunto: uma teologia sistemática rigorosa, um método apologético persuasivo e um lugar de destaque para os “paradoxos” revelados da doutrina cristã (p. xvii). De acordo com Bosserman, tal equilíbrio é raro, mas ele está disposto a provar que Van Til foi bem-sucedido em buscar e encontrar precisamente esse equilíbrio, o que provaria o brilhantismo e a utilidade desse autor. A incomum combinação dessas três tendências (aparentemente) competitivas está no centro da leitura que Bosserman propõe do prolífico corpus vantiliano. A segunda forma como este livro se distingue dos seus antecessores é o seu foco especial na doutrina da Trindade. Como Scott Oliphint admite no prefácio, apesar de a doutrina da Trindade ter sido central no pensamento de Van Til, ela ainda não tinha recebido a merecida atenção entre os que se propuseram a interpretá-lo ou segui-lo (p. xi).

* Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, mestre em estudos teológicos (M.A.R.) pelo Westminster Theological Seminary, em Filadélfia, e candidato ao PhD em Teologia Sistemática pela Universidade de Edimburgo, na Escócia.

Outros dois fatos destacam a presente obra. Ela é fruto de uma pesquisa realizada fora do ambiente em que Van Til é normalmente considerado relevante, tendo sido produzida numa universidade, não num seminário, e publicada por uma editora igualmente “indiferente” ao pensamento de Van Til. Esses fatos servem ao menos como indicativos da qualidade da obra e, ao proporcionar um maior alcance e distribuição acadêmica, também devem servir como encorajamento aos estudiosos que compartilham das mesmas perspectivas.

O livro se divide em quatro partes. Na primeira, Bosserman dá foco à formação do pensamento de Van Til, apresentando – em três capítulos – suas maiores influências intelectuais. A primeira é o ímpeto apologético e a doutrina trinitária calvinista de “Old Princeton”.¹ A segunda, o neocalvinismo de “Old Amsterdam”,² que concedia lugar central para a noção de mistério e à antítese ética e epistemológica entre cristãos e não cristãos. A terceira, o método transcendental e dialético do Idealismo absolutista. Reconhecer o antigo Princeton e a antiga Amsterdã como influências em Van Til é lugar comum entre seus intérpretes, mas, apesar de Bosserman não ser o primeiro a notar a importância da influência do Idealismo nesse processo, o presente volume concede mais peso e espaço a essa linha de influência do que é comumente concedido. A contribuição singular de Bosserman, porém, se encontra na apresentação detalhada e persuasiva de *como* Van Til consistentemente se apropriou dessas três influências de forma original, assim alcançando o ideal de combinar teologia sistemática, apologética e os paradoxos cristãos.

Especialmente útil é a tabela gráfica que sumariza o argumento de Bosserman sobre essa questão (p. 4). Ali, ele presenteia o leitor com uma visão clara e direta da relação entre as três fontes formadoras de Van Til, apontando precisamente para as áreas em que cada perspectiva forneceu e recebeu críticas mútuas. A escola de Old Princeton, com seu ímpeto apologético e uma doutrina trinitária calvinista robusta, critica Old Amsterdam e o Idealismo das seguintes formas: (1) Amsterdã por não ser suficientemente confiante na capacidade apologética do pensador cristão; (2) o Idealismo por reduzir Deus ao patamar de um ser finito, histórico e não-soberano. A escola de Old Amsterdam, que concedia lugar central à noção de mistério e à antítese ética entre cristãos e não-cristãos, critica Princeton e o Idealismo das seguintes formas: (1) Princeton por fugir dos paradoxos da fé cristã em busca de estabelecer um lugar comum entre cristãos e não-cristãos em questões filosóficas (tidas

¹ “Old Princeton” (antigo Princeton) se refere à teologia produzida pelos professores do Seminário de Princeton desde sua origem até o final dos anos 1920. Após esse período, o seminário passou por uma transformação, assumindo um caráter menos confessional e, eventualmente, neo-ortodoxo. Os principais teólogos de Old Princeton a influenciar Van Til foram Charles Hodge, B. B. Warfield e Geerhardus Vos.

² “Old Amsterdam” (antiga Amsterdã) se refere à teologia produzida no período inicial da Universidade Livre de Amsterdã, especialmente por Abraham Kuyper e Herman Bavinck.

como pré-teológicas); (2) o Idealismo por não pressupor a Trindade no início do seu método transcendental de pensamento. O Idealismo, com sua filosofia absolutista e seu método de pensamento transcendental e dialético, critica Old Princeton e Old Amsterdam das seguintes formas: (1) Princeton por não ter discernimento crítico quanto à filosofia de senso comum, permitindo que uma visão irracional e atomística do mundo guie o seu método apologético; (2) Amsterdã por não utilizar a força apologética da revelação da Trindade.

Na segunda parte do livro, Bosserman fornece uma apresentação do pensamento completo e maduro de Van Til em torno de sua perspectiva da utilidade da doutrina da Trindade. Em quatro capítulos, Bosserman analisa a importância do caráter “paradoxal” da doutrina da Trindade para a prática cristã de apologética, a visão cristã da lógica, do conhecimento como um todo e para a teologia em especial. O argumento geral que une esses quatro capítulos em uma seção é que a teologia e a apologética de Van Til são singularmente coerentes, não apesar, mas precisamente por causa do lugar central que ele concedia aos paradoxos cristãos, especialmente o paradoxo da Trindade.

Nessa perspectiva, os paradoxos do pensamento cristão, como revelados nas Escrituras, podem ser vindicados (reconhecidos como válidos) quando se compreende que, ao invés de causar dano à coerência do pensamento cristão, eles na verdade servem para estabelecer tal coerência. Neste ponto, Bosserman argumenta que é importante reconhecer a diferença entre verdadeiros paradoxos revelados e meras contradições. Contradições devem ser corrigidas, pois denunciam erros no nosso pensamento. Paradoxos verdadeiros, ao contrário, são reconhecidos por três características: eles apresentam duas proposições que (1) aparentam ser incompatíveis, mas (2) requerem uma à outra para que possam ser verdadeiras e, (3) sem um ou outro “lado”, o sistema completo da revelação cristã cairia por terra e ficaria inconsistente consigo mesmo (p. 135-138). Bosserman elenca a doutrina da trindade de Deus e das duas naturezas do redentor como casos paradigmáticos dessa verdade. Caso seja negado que Deus é um só Deus que subsiste em três pessoas, a integridade da revelação, que depende do fato de que essas três pessoas são essencialmente um e o mesmo Deus, ficaria comprometida e todo o nosso conhecimento seria fútil. Da mesma forma, caso seja negado que uma pessoa da Divindade assumiu verdadeiramente a natureza humana sem confusão ou mistura entre as duas naturezas, também toda a revelação cristã ficaria nula e continuaríamos sem reconciliação com Deus.

Desta forma, a vindicação ou legitimação de tais paradoxos não depende de qualquer aspecto externo à revelação especial e, em vez de tentar-se resolver a tensão entre os “polos” de um paradoxo revelado, dever-se-ia permitir que tal revelação informasse e fomentasse o desenvolvimento do sistema de pensamento em direção a uma filosofia cristã que envolva o todo do conhecimento. A revelação tem, como um todo, uma função formadora da lógica, que deve

guiar o pensamento humano. Em vez de submeter-se a uma lógica abstrata, o cristão deveria reconhecer a necessidade de se pensar “os pensamentos de Deus após ele”, de forma concreta e histórica (já que a revelação especial nos é dada historicamente). O conhecimento não pode ser justificado em abstração, apenas à luz do sistema cristão historicamente revelado.

A terceira parte do livro é uma breve crítica. Após responder a diversos questionamentos acerca de Van Til, aqui o autor mostra uma certa medida de simpatia por uma crítica específica, a saber, a questão da consistência com a qual Van Til utilizou sua própria lógica de implicação. Bosserman denuncia Van Til por ter parado no meio do caminho, não aplicando seu método na vindicação completa da doutrina da Trindade (p. 151). Van Til negou que poderíamos mostrar por que a “unidade” de Deus requer especificamente sua “trindade”, não uma mera “multiplicidade” (p. 155). Para Bosserman, essa falha, ao substituir o três (concreto) por uma “diversidade” (abstrata) no pensamento de Van Til quanto ao paradoxo da Trindade, o levou (e a seus seguidores) a um pensamento abstrato, em oposição ao raciocínio concreto que as Escrituras requerem (p. 161-172).

Essa crítica dá ao autor o impulso necessário para sua seção final, em que ele se propõe a desenvolver construtivamente dentro da linha de Van Til, tentando ser mais rigoroso do que ele. Aqui, Bosserman propõe uma explicação do por que, baseado na coerência do sistema revelado, Deus deve ser “três” e “um”, vindicando especificamente a trindade de Deus, não uma mera pluralidade. O mais importante passo nessa proposta é o argumento da necessidade de se evitar um contexto impessoal no qual Deus deve existir e ter suas relações. Apenas o Deus tri-pessoal do único Deus da revelação bíblica pode satisfazer a tal necessidade da revelação (p. 178). Após esse passo, o autor também aponta para formas como outros paradoxos específicos da revelação cristã podem ser vindicados, em vez de resolvidos.

Por fim, Bosserman deve ser elogiado pela sua análise de Van Til, que, pela qualidade e brevidade, se firma como uma das melhores introduções ao seu pensamento. Elogia-se também a audaciosa tentativa de contribuição positiva para a teologia e a filosofia cristã oferecida na parte final do volume, mas esta requer maior consideração e resposta por parte da igreja para que se prove de fato boa e necessária.